

Os jesuítas e a questão de uma identidade cultural na América portuguesa setecentista.

Beatriz Helena Domingues

A proposta desta comunicação é fazer um paralelo entre a produção literária dos jesuítas expulsos do Brasil em 1759 e aquela produzida pelas elites letradas coloniais nas academias literárias fundadas por ocasião da expulsão da Cia de Jesus mostrando a inserção desses textos no “clima de opinião” da Ilustração¹. O argumento central aqui desenvolvido é que, apesar de os projetos que orientavam a elite colonial brasileira e os jesuítas serem diferentes - e em muitos pontos até mesmo opostos -, é possível encontrar em alguns jesuítas e em alguns acadêmicos brasílicos pelo menos uma convergência: o despertar de um americanismo, de uma consciência da individualidade brasileira.

Trabalho com a hipótese de que tal sentimento pode ter sido desencadeado entre árcades e jesuítas expulsos do Brasil, dentre outros fatores, pela polêmica em torno do continente americano que então animava filósofos e cientistas na Europa e que causava forte reação entre os pais fundadores dos EUA e entre os jesuítas hispano-americanos exilados na Itália. No Brasil, o nascente americanismo - sob a forma de indianismo e/ou elogio da natureza tropical brasileira – parece ter dialogado com as teses ilustradas européias denegrindo o Novo Mundo. Opto por elucidar tal conexão no poema épico do árcade e ex-jesuíta Basílio da Gama, que conheceu grande publicidade desde sua primeira edição em 1769, e no tratado enciclopédico escrito pelo jesuíta proscrito João Daniel nos cárceres do Marques de Pombal entre 1759 e 1776, que permaneceu desconhecido de seus contemporâneos.

Ainda que quase nada do que foi escrito pelos inicianos expulsos do Brasil tenha sido publicado na ocasião em que vieram à tona as reações dos jesuítas hispano-americanos exilados na Itália e dos pais fundadores dos EUA às teses ilustradas denegrindo o Novo

Mundo, a existência dessa literatura nos fornece a possibilidade de investigar certa sintonia entre esses três grupos. No caso brasileiro, e no hispano-americano, essa reação foi inseparável dos embates que já opunham os Soldados de Cristo aos representantes do Despotismo Ilustrado na metrópole ou na colônia anos antes da expulsão.

Uma questão que vem a tona é se seria possível encontrar nesses escritos, como naqueles provenientes da América Espanhola, a busca de alguma forma de identidade brasileira? Minha tentativa de responder, mesmo que parcialmente a tão complexa questão, é relacionando os escritos jesuíticos com aqueles provenientes da “elite letrada” colonial, onde numerosos estudos já localizam os primórdios da busca de uma identidade, singularidade, ou individualidade². Íris Kantor, por exemplo, mostra como as memórias produzidas por esses acadêmicos correspondem a um despertar da identidade americana em oposição ao estatuto colonial. Pois, na medida em que se propunham a escrever a história das primeiras famílias povoadoras das terras brasílicas seus textos estavam, mesmo que de forma involuntária, servindo de instrumento jurídico de defesa dos privilégios de posse imemorial da terra³.

Sustento que não só os árcades como também os jesuítas expulsos do Brasil, ainda que de forma diferente e visando objetivos diferentes, compartilharam do “clima de opinião” da Ilustração. É sabido que, em grande parte, o movimento intelectual na colônia na segunda metade do século XVIII se inspirou no reformismo ilustrado de inspiração pombalina. É também reconhecida a influência dos filósofos franceses sobre a elite intelectual colonial no final do século XVIII. O que é menos realçado é que certas tendências ilustradas atingiram os próprios jesuítas, tidos como o principal obstáculo à implantação das luzes no império luso. Conforme pretendo mostrar, autores provenientes dos dois lados do oceano, ou de dois “partidos” inimigos – ilustrados portugueses e brasileiros e jesuítas -, podem ser considerados consumidores seletivos das luzes

européias e elaboradores de obras que assinalam as singularidades, a individualidade do Brasil, ainda que recorrendo a referenciais diferentes.

Enquanto compartilhando do “clima de opinião” da Ilustração, o movimento intelectual interno da colônia, expresso pela fundação das academias literárias, e aquele externo a ela, exemplificado aqui pela literatura jesuítica produzida em Portugal ou na Itália, foram de alguma forma envolvidos na polêmica em torno do continente americano que mobilizava a opinião pública européia. Embora o impacto da “Polêmica do Novo Mundo” não tenha sido tão grande no Brasil quanto na América Hispânica ou nos recém criados Estados Unidos da América do Norte, o Brasil esteve presente enquanto tema e enquanto expectador – conforme expresso nos escritos de acadêmicos coloniais ou dos jesuítas expulsos. A menor reação de ambos os grupos, quando comparados com a América Espanhola e com os Estados Unidos se deveu: a) ao menor descontentamento da recém criada elite colonial brasileira com as Reformas Pombalinas do que de suas congêneres hispânica com as Reformas Bourbonicas ou das treze colônias inglesas na América do Norte frente à política intervencionista inglesa nos EUA especialmente após a Guerra dos Sete Anos (1756-1763). Isso ocorreu devido à aliança de interesses entre a elite colonial brasileira e a portuguesa, em contraste com o choque de interesses que caracterizou as relações entre os referidos grupos nos casos das Américas hispânica e inglesa; b) À maior intensidade do antijesuitismo em Portugal. Conseqüentemente, em comparação com o que ocorreu na América espanhola, a reação popular contra a expulsão dos jesuítas no Brasil foi bem menor, e a produção literária dos jesuítas exilados enaltecendo a pátria da qual haviam sido expulsos foi muito mais escassa, até porque a maioria dos nossos Soldados de Cristo não foi enviada para a Itália, mas para as prisões portuguesas.

Dentre os temas relativos ao Novo Mundo freqüentemente abordados pelos filósofos ilustrados foram certas discussões sobre a inferioridade ou não de suas terras e de suas gentes, aliadas à polêmica em torno do empreendimento jesuítico – especialmente entre

os Guaranis e nas missões na Amazônia – que parecem ter chamado a atenção tanto de jesuítas quanto de poetas e autores vinculados às recém constituídas elites literárias da colônia.

No caso da América Hispânica, vários estudos reconhecem o papel dos jesuítas exilados e dos “ex-jesuítas” no sentido de estimular a insatisfação crioula com as Reformas Bourbonicas, e que culminaria com a independência. No Brasil as academias literárias foram criadas exatamente para exaltar as Reformas Pombalinas, embora no interior das mesmas tenham emergiram vozes criticando a política indígena pombalina. Mas foi exatamente do núcleo pombalino que surgiu a obra que se tornou reconhecida como modeladora da identidade nacional brasileira: O Uruguai, de Basílio da Gama⁴. Nela o autor, sem criticar a colonização portuguesa, ou mesmo fazendo discurso em louvor do marquês de Pombal e especialmente da campanha contra os sete povos das missões, acentua, acima de tudo, as qualidades do índio e da natureza tropical brasileira. Está subentendida no poema uma crítica da preponderância ou superioridade da Europa civilizada sobre os trópicos bárbaros ou selvagens. O herói indígena aqui não é o índio primitivo, mas o índio cavalheiresco, quase um nobre⁵. O Uruguai dialoga, nesse ponto, com a ilustração européia, questionando as atitudes preconceituosas em relação ao Novo Mundo. Diferentemente dos ilustrados do velho Mundo que consideram as missões jesuíticas como ilhas de civilização em meio à barbárie americana, é exatamente aos seus ex-irmãos de batina que Basílio atribui a corrupção e decadência das sociedades indígenas e da própria colonização do Novo Mundo.

Basílio da Gama é especialmente sugestivo para o ponto aqui em discussão por ser considerado o mais “moderno” e mais “ilustrado” entre os acadêmicos brasileiros. Em meu entender, ele é típico e atípico entre seus colegas de academia: típico no seu pombalismo e atípico em seu indigenismo. Em sua obra convergem forte indigenismo, elogio à empresa pombalina e uma ferrenha crítica a seus ex-irmãos jesuítas. Basílio

valoriza em O Uruguai, 1769, o brilho da natureza tropical, traço de nosso pensamento que persiste até a atualidade, e que esteve em voga no século XVIII em reação às teses sobre a inferioridade do Novo Mundo e no XIX enquanto traço constituinte de uma identidade nacional. Sua obra se caracteriza pela adesão afetiva aos índios, cujas culturas vinham sendo dizimadas pelo contato com o europeu, dando origem ao indianismo romântico que toma o índio como símbolo da pátria, retomado pelas tendências nativistas que acentuaram a idéia de independência no decorrer do século XIX⁶. No poema predomina o sentimento de irrupção de um desequilíbrio entre a civilização natural e a urbana “por que o sossego da Europa assim exige”.

O Uruguai conta-nos a história da guerra guaraníca, felizmente vencida pelo irmão de Pombal, para tirar os índios da tirania dos padres jesuítas. No poema de Basílio, os principais inimigos dos índios não são os portugueses (ou europeus), mas os padres jesuítas que os escravizam. A publicação do poema é contemporânea da intensa perseguição aos jesuítas em Portugal e em outros países da Europa, e da Polêmica do Novo Mundo. O que eu assinalo como excepcional é que um dos representantes do elogio do Brasil e de seus habitantes seja um ferrenho crítico da obra da Companhia de Jesus na América. Pois, em geral, nesta etapa da polêmica, a defesa dos índios estava associada aos jesuítas. Os próprios filósofos ilustrados, tão críticos do empreendimento colonial, elogiavam a ação dos padres civilizados em ambiente tão bárbaro. Como corretamente assinalado por Antonello Gerbi, oposições às teses de De Pauw, Raynal e outros vinha ocorrendo exatamente entre jesuítas americanos exilados na Europa, que associavam o triste destino dos nativos à expulsão de seus protetores espirituais e temporais⁷. Quase todos os filósofos ilustrados europeus que escreveram teses sobre o Novo Mundo elogiaram o empreendimento missionário jesuíta na América, apesar de sua vinculação orgânica com o projeto colonial ibérico, no qual viam verdadeiras “aberrações”, como era o caso da Inquisição. A obra do abade Raynal é lapidar nesse ponto.

Nesse contexto, a defesa simultânea do Novo Mundo e da colonização portuguesa, e a oposição ao suposto papel civilizador das missões jesuíticas – tidas como responsáveis pela situação de obscurantismo em que se encontravam os índios e a colônia –, faz de Basílio um caso excepcional. A caracterização do autor como americanista é compartilhada por seu crítico Serafim Leite, que explicitando que “americanista, aqui, não significa defensor, mas apenas parte do grupo que analisa a América comparando com a Europa”⁸.

Gênio da inculta América, que inspiras

A meu peito o furor, que me transporta,

Tu me levanta nas seguras asas

Mas, continua Leite, o ‘furor’ de Basílio não resistiu ao medo e a alguns cruzados de um emprego público. E exalta o ‘sossego’ da Europa’ e o general, que não é americano.

Aos pés do General as toscas armas

Já tem deposto o rude Americano

Que reconhece as ordens e se humilha...

A influência do clima de opinião da ilustração sobre os escritos jesuíticos pode ser observada especialmente: a) Na resposta dos padres jesuítas José Cardiel e Lorenz Kaulen ao poema de Basílio da Gama, no qual criticavam o “antijesuítismo” que orientou a interpretação do árcade e ex-jesuíta sobre as missões paraguaias e as guerras guaraníticas⁹; b) na volumosa obra do pe. João Daniel, um tratado enciclopédico de estilo ilustrado, no qual a História Natural ocupa lugar proeminente; c) na disposição de escrever para um público europeu, então ávido de informações sobre o mundo americano, com a autoridade de quem o conhece em loco: esse é também o caso do Mexicano Clavijero, de seu biógrafo Juan Maneiro e na do cronista da expulsão dos jesuítas do Brasil José Caeiro¹⁰; d) no compartilhamento de premissas do pensamento ilustrado europeu sobre o continente americano e a atuação da Cia de Jesus no mesmo:

as missões jesuíticas tidas enquanto ilhas de civilização em meio à barbárie do Novo Mundo e admiração pelo homem selvagem convivendo com o desejo de civiliza-lo. Basílio da Gama não concordava com a primeira, mas tampouco conseguia se desvencilhar da imagem do bom selvagem civilizado, conforme exemplificado pelos valores quase nobiliárquicos que orientavam por Cacambo e Lindóia, o par romântico do poema.

No que se refere à inserção jesuítica no “clima de opinião” da Ilustração e de diálogo algumas vezes explícito com as referidas teorias ilustradas sobre o Novo Mundo, o tratado de João Daniel me parece o mais representativo devido à enfática defesa da não inferioridade da fauna e da flora amazônica. João Daniel era missionário no Amazonas quando foi deportado com nove outros eclesiásticos para Portugal em 1757, dois anos antes da expulsão dos jesuítas do Brasil, e ficou encarcerado até a sua morte em 1776. Que eu tenha notícia, somente dois textos jesuíticos escritos nas prisões portuguesas entre 1759 e 1777 sobreviveram: o de João Daniel e o de Anselmo Eckart, expulso na mesma ocasião¹¹. O livro Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas, escrito no cárcere entre 1772 e 1776, é considerado, desde o século XIX, uma das principais fontes de informações sobre a Amazônia. O autor sistematizou o que sabia da região, incluindo conhecimentos de geografia, etnografia, história e botânica, enfatizando o contato entre civilizações que então estava em curso. O estilo é memorialista e enciclopédico ao mesmo tempo, sempre laudatório da terra que foi forçado a abandonar. Enquanto relembra os tempos em que viveu na Amazônia, o autor faz observações sobre a natureza (fauna e flora), a história antiga e recente da região, analisando e avaliando mitos e lendas até então em voga. Em muitos momentos deixa clara a oposição civilização/barbárie tão cara ao Século das Luzes, que se reflete em sua avaliação ambígua dos índios da Amazônia.

Concluindo, Tanto em letrados brasileiros, como é o caso do ex-jesuíta Basílio da Gama, quanto em autores jesuítas, como é o caso de João Daniel, pode-se detectar um recurso ao arsenal da ilustração para criticar aspectos dela, especialmente aqueles que argumentavam a favor da superioridade física e humana da Europa sobre o continente americano. Basílio fez do índio um civilizado e da selva do homem, e João Daniel assegurou o quanto a Amazônia poderia ser de uso, não só dos índios como também dos colonos, caso fosse racionalmente explorada. Acadêmicos brasílicos compartilhavam com os jesuítas um certo “amor pela pátria” que então começava a se diferenciar da mãe portuguesa. Pois a literatura dos jesuítas exilados, ao empreender a defesa do empreendimento da Cia de Jesus no Brasil, assume a postura de considerar a colônia como a pátria que foram forçados a abandonar.

¹ Sobre o conceito de “clima de opinião” ver BECKER, Carl. *The heavenly city of the eighteenth century philosophers*. New Haven & London: Yale University Press, 1932.

² CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira. Momentos decisivos*. Rio de Janeiro-Belo Horizonte: Itatiaia Editora, 2000; CAVALCANTE, Berenice. “Os letrados da sociedade colonial: as academias e a cultura do Iluminismo no final do século XVIII”. *Acervo*. R. J., v. 8, n.1-2, p. 55-66, 1995.

³ KANTOR, Iris. *Esquecidos e Renascidos: historiografia acadêmica luso-americana (1724-1759)*. São Paulo: Hucitec, 2004.

⁴ GAMA, José Basílio da. *O Uruguay*. Lisboa: Régia Oficina Tipográfica, 1769.

⁵ A valorização do primitivismo indígena vai aparecer com toda força no modernismo no início do século XX.

⁶ É importante diferenciar esse indianismo daquele que foi abraçado pelos modernistas no início do século XX, que valoriza o primitivismo do índio, e não seus valores cavalheirescos, como faz Basílio da Gama.

⁷ GERBI, Antonello. *Novo Mundo. História de uma polêmica. 1750-1900*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁸ LEITE, Serafim. *História da Cia de Jesus no Brasil*. 10 vol. RJ: Instituto Nacional do Livro, 1949, vol.IX.

⁹ KAULEN, Lorenz. Reposta apologetica ao poema intitulado O Uruguay.[1786]; CARDIEL, Josef. Declaracion de la verdad contra un Livélio infamatorio contra os PP. Jesuitas Missioneros del Paraguay, y Marañon [1758].

¹⁰ CAEIRO, José. *Jesuítas do Brasil e da Índia na perseguição do Marquês de Pombal*. [1776] Salvador: Escola Tipográfica Salesiana, 1936. CLAVIJERO, F.X [1781] *Historia antigua de México*. Mexico: Editorial Porrúa, 1945.

¹¹ ECKART, Anselm. *Memórias de um Jesuíta prisioneiro de Pombal* [1791] SP: Loyola, 1987; DANIEL, João. *Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas* [1776]. R J: Contraponto, 2004.